



Fausto Bordalo Dias

BIOGRAFIA

Fausto Bordalo Dias, nascido algures entre Portugal e Angola num barco chamado Pátria, consta que em fins de 1948, vive em Lisboa. Músico, poeta, cantor, compositor. Amante da vida, homem íntegro, meu amigo.

Viajante de continentes diversos e de muitos sonhos. Cultor da harmonia entre os sons, as palavras, os instrumentos. Recriador dos ritmos, ora frenéticos ora saudosos, da sua gente. Reinventor da Língua Portuguesa através da música. Todos estes factos estão documentados nos doze discos que já gravou.

Nesses registos de trinta anos de viagem interior permanente existe uma sempre renovada descoberta de si mesmo, da sua arte, da nossa história colectiva: das lutas e dos sonhos, das tragédias e dos medos, das glórias e das misérias, dos vencedores e dos condenados.

A poética de Fausto Bordalo Dias é feita de sons e de palavras, onde se cruzam uma profunda sensibilidade e um enorme conhecimento do mundo. Que são, como se sabe, o caminho certo para a Sabedoria.

(Viriato Teles, jornalista e escritor)

A transfiguração da palavra

No princípio, imagino, terá sido um qualquer som que antecedeu a palavra, e que, numa repetição paciente e necessitada, a formou e a definiu no seu significado. Terão nascido outros sons, acredito, outras palavras ainda, que se harmonizaram e, por sua vez, deram origem a novas palavras e a novos sons que de uma forma concertada foram descobrindo, pouco a pouco, a magia do mistério que, desde há muito, ou desde sempre, lhes habitava as entranhas – a música! O som da palavra interrogou-se e, deslumbrado, descobriu a sua alma. O fascínio da melodia e do ritmo. Na exultação, na melancolia ou na simples contemplação do mundo.

E é assim que as diferentes línguas têm, enquanto faladas, a sua própria musicalidade. Umhas mais cantantes do que outras, consoante a sensibilidade de quem as ouve, mas todas elas possuídas dessa alma que se revela na cadência e no tom.

Se a língua acaba por ser uma espécie de ordem fundadora da música, esta começa por ser o espírito indelével de quem a anima. Mesmo quando a música prescinde da palavra, mesmo quando a palavra se ausenta, aquela não deixa de ser, ainda assim, uma expressão endémica, e muito particular, do linguajar que a concebeu. Só este enigma explica a traíçoira transfiguração das palavras.

Quando as palavras ditas, ou pronunciadas, guardam já no seu seio a sua própria musicalidade e, depois, acontece serem cantadas numa melodia ou sobre um ritmo que lhes são profundamente estranhos, contorcidas desta maneira, acabam por fazer, no mínimo, um esgar, uma carantonha ou um trejeito. Sofrem, com castigo e sem remédio, de um enorme torcicolo. E é deste modo que se confundem, em turbilhão, as

suas acentuações naturais e correctas. Confundem-se esdrúxulas com graves, graves com agudas, agudas com esdrúxulas, e por aí adiante. A música não pertence à palavra que expressa, nem a palavra à música que lhe dá forma.

Por mim, guardo esta ideia terna, afectuosa, doce e segura de que a música que faço nasceu da língua de meus pais.